

01. Como é possível pensar A Pedagogia do Oprimido hoje? (Considerando que a realidade atual da Educação Brasileira é totalmente diversa da do início da década de 60).
02. Como o Senhor vê a sua trajetória e a trajetória da própria Educação. Desde a Pedagogia do Oprimido, do Recife ao mundo e agora a São Paulo?
03. A Lei é uma expressão de relação de forças. Que pontos fundamentais e até inegociáveis o Senhor Considera devam ser contemplados pela Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação?
04. O Senhor sempre assessorou Projetos Revolucionários de Educação, no entanto esteve e está pouco tempo no poder. Como se processa essa relação, da sua proposta pedagógica e agora o Senhor como Poder?
05. A Secretaria de Educação de São Paulo é um órgão de razoáveis proporções como máquina administrativa. Como se verifica esse processo de uma nova dinâmica político/Pedagógica em Contrapartida a um estamento altamente burocratizado?
06. O que difere na prática, a proposta do PT em relação às demais propostas pedagógicas?

42

01. Me parece óbvio que a pergunta se refere não ao livro *Pedagogia do Oprimido*, mas a uma certa compreensão da educação que se compromete com a necessária emancipação das classes oprimidas. Há "n" aspectos a **ser** considerados numa reflexão sobre o tema. Poderíamos discutir, por exemplo, a pedagogia do oprimido pondo-se em prática no interior do sistema escolar brasileiro, da escola de primeiro grau, da do segundo ou terceiro, pensar em torno dos obstáculos materiais, orçamento, condições físicas das escolas como pensar sobre os não menos materiais obstáculos, de ordem ideológica, com os quais nos confrontamos ao tentar pôr em prática uma educação em favor da emancipação das gentes. Poderíamos ainda discutir o mesmo esforço em favor de uma tal prática educativa fora do sistema escolar, no campo da educação informal e ou também analisar as barreiras que se levantam ou que se opõem a uma tal forma de compromisso popular. Creio que uma afirmação de ordem geral poderá ser feita: a pedagogia do oprimido, não o livro que escrevi, mas a compreensão da educação em favor da emancipação permanente dos seres humanos, considerados como classe ou como indivíduos, se põe como um que - fazer histórico em consonância com a também histórica natureza humana, inconclusa, finita, limitada. É precisamente porque é histórica, dando-se na história e sendo vivida por seres históricos que, ao fazê-la de certa forma se refazem, que as formas de por em prática a pedagogia do oprimido como a do opressor variam no tempo e no espaço. Há um aspecto que considero fundamental que diz respeito à posta em prática de uma pedagogia do oprimido. Refiro-me à necessidade que têm as lideranças político-pedagógicas progressistas de detectar os níveis em que se vem dando a luta de classes nesta ou naquela sociedade. São estes níveis que explicam o "atual estado" em que se encontra a educação aqui ou ali.

43

Para terminar tomaria um obstáculo fortíssimo a qualquer esforço de educação democrática em favor das classes populares, nos anos 60 como hoje, ao qual, porém, daremos resposta diferente agora. Refiro-me à ideologia autoritária e elitista que nos marca e sufoca.

Enquanto o elitismo autoritário ou o autoritarismo elitista são próprios do educador reacionário se tornam a negação do educador progressista. Em 60 como agora se impunha e se impõe aos educadores progressistas que diminuam a distância entre o "discurso avançado" e a prática tradicional e autoritária.

02. Nenhum educador faz sua caminhada indiferente ou apesar das idéias pedagógicas de seu tempo ou de seu espaço. Pelo contrário, faz sua caminhada desafiado por estas idéias que combate ou que defende. Nega-se, afirma-se, cresce, imolibiza-se, envelhece assim ou é sempre novo. Estas idéias por outro lado, não são as fazedoras do mundo histórico e cultural, material, do educador. Elas expressam as lutas sociais, os avanços e os recuos que se dão na história mas, também, se fazem força atuante de mudança do mundo. Há uma relação dialética entre o mundo material que gera as idéias e as idéias que podem interferir no mundo que as gera.

Evidentemente, não poderia eu escapar a isto. Mais do que a dramaticidade, a tragicidade do nordeste em que nasci e cresci, os níveis profundos de exploração das classes populares, a malva - dez das classes dominantes, a perversidade das estruturas sociais, o silêncio imposto às classes populares, a que se juntava como reforço uma educação livresca e autoritária, tudo isso indicou a mim um caminho a seguir, como educador e, portanto, como político - o da busca de uma educação denunciante da opressão e anunciante da liberdade, o de uma pedagogia da indignação. Do Re

cife ao exílio, do exílio ao Brasil de novo, em todo este tempo de andarilhagem, este vem sendo o meu compromisso. E porque este é o compromisso com um futuro se construindo no presente que se transforma, aprendi na caminhada que é condição fundamental para continuar caminhando estar sempre aberto à aprendizagem. É assim, curioso e aberto ao novo, que venho aprendendo mais do que esperava como Secretário de Educação da Cidade de São Paulo há cinco meses. Reconhecendo o já conhecido e conhecendo o não suspeitado, minha vida vem sendo nestes meses um suceder de dias em que quase nada me passa despercebido. No fundo um tempo penoso e intensamente gostoso, como é todo tempo de conhecer e de gestar, de fazer e de refazer.

03. Me fixo num, a partir do qual se pode pensar um grande número de outros. Me refiro ao da defesa da escola pública. Do seu resguardo. Da escola pública respeitada, competente, alegre, democrática. Da escola pública para todos, sem aprovações gratuitas, assistencialistas, enganadoras, mas sem reprovações discriminadoras, por isso da escola pública em que se ensine bem e se aprenda com prazer. Da escola pública que leve em consideração a identidade cultural de classe de seus alunos, que respeite seu "saber de experiência feito", sua linguagem de classe também. Da escola pública que, por tudo isso, tenha seus professores respeitados, estimulados, bem pagos.

04. Me parece importante começar a tentativa de resposta a essa per

05. gunta relativizando uma afirmação que você faz: a de eu me achar agora no poder. Rigorosamente, estou no governo municipal de São Paulo, à frente de sua Secretaria de Educação o que, na verdade, me dá um pouco de poder, mas não o poder. Isto não significa, de maneira alguma, que tenha agora o mesmo poder que tinha antes. Tenho mais do que tinha antes mas bastante menos do que ingenuamente se pensa que tenho.

Na verdade, somos um governo progressista que não pode fazer tu do com que sonha.

De qualquer maneira não vejo contradição no fato de, hoje, como Secretário de Educação Municipal, tentar realizar algumas das propostas ou pôr em prática algumas das idéias por que me venho batendo há tanto tempo. No governo municipal, aproveito o poder que dele decorre para realizar, no mínimo, parte do velho sonho que me anima. O sonho de mudar a cara da escola. O sonho de democratizá-la, de superar o seu elitismo autoritário, o que só pode ser feito democraticamente. Imagine você se eu pretendesse superar o autoritarismo da escola autoritariamente.

Uma das coisas gostosas no jogo democrático é que, não basta você estar convencido do acerto de suas idéias e do acerto de sua prática. Você precisa demonstrá-lo e convencer os demais. Diria até que, em muitos casos, você precisa **converter**.

Além de não ser uma contradição procurar concretizar velhas aspirações político - pedagógicas à frente da Secretaria de Educa - ção Municipal é gostosa essa forma de briga.

É claro que não é fácil. Há obstáculos de toda ordem retardando a ação transformadora. O amontoado de papéis tomando o o nosso tempo, os mecanismos administrativos emperrando a marcha dos projetos, os prazos para isto, para aquilo, um deus-nos-acuda. De fato, a burocracia que está aí prejudica até mesmo as clas - ses dominantes, mas, afinal, enquanto dominantes, terminam por ajustar a máquina burocrática a seus interesses. O difícil é pôr esta burocracia a serviço dos sonhos progressistas de um governo popular e não populista.

- 06. Não gostaria de fazer nenhuma comparação entre a nossa maneira de encarar a administração da educação e da coisa pública em geral e a de outros partidos. Gostaria, sim, de sublinhar alguns pontos que são caros para nós, enquanto administração petista.

Um deles é o que entendemos por **participação**. Para nós, a participação não pode ser reduzida a uma pura **colaboração** que os setores populacionais devessem e pudessem dar à administração pública. Participação ou colaboração, por exemplo, através dos chamados mutirões por meio dos quais se reparam escolas, creches, ou se limpam ruas ou praças. A participação para nós, sem negar este tipo de colaboração, vai mais além. Implica, por parte das classes populares, um "estar presente na História e não simplesmente nela estar representadas". Implica a participação política das classes populares através de suas representações ao nível das opções, das decisões e não só do fazer o já programado. Por isso é que uma compreensão autoritária da participação a reduz, obviamente, a uma presença concedida das classes populares a certos momentos da administração. Para nós também, é que os "Conselhos de Escola" têm uma real importância enquanto verdadeira instância de poder na criação de uma escola diferente. Participação popular para nós não é um "slogan" mas a expressão e, ao mesmo tempo, o caminho de realização democrática da Cidade.

Na medida em que nos afirmemos na prática democrática da participação, estaremos nos afastando cada vez mais, de um lado, das práticas elitistas, anti-democráticas, de outro, das não menos antidemocráticas práticas basistas. Bem sei que não é fácil encarnar projetos ou viver a participação popular como programa de governo e como ideal político. Não é fácil sobretudo pelas tradições autoritárias que precisamos superar o que não se pode fazer no puro discurso contraditado por práticas autoritárias.